

REPORTAGEM ESPECIAL

Expansão urbana coloca Litoral Norte diante de novas exigências

Mudança no perfil dos moradores fortalece o mercado imobiliário e amplia a atividade econômica, mas especialistas defendem a necessidade de políticas públicas para acompanhar o ritmo de ocupação dos municípios costeiros

Loraine Luz, especial para o JC
De Cidreira

O expressivo crescimento populacional de municípios gaúchos à beira-mar cria expectativas por um nível de desenvolvimento que desafia a gestão pública. A candidatura do Litoral Norte à protagonista como polo de investimentos e moradia no Estado fica ameaçada a médio e longo prazos se a infraestrutura não acompanhar o mesmo ritmo da expansão urbana. “O que importa entender é que a migração para o Litoral, hoje, não é apenas de aposentados”, pontua Carlos Paiva, doutor em Economia e consultor na área de planejamento e desenvolvimento regional.

De acordo com o IBGE (2022), dos 10 municípios que mais cresceram em habitantes no Estado, sete estão no Litoral Norte: Imbé (52%), Capão da Canoa (51%), Arroio do Sal (43%), Balneário Pinhal (38%), Cidreira (35%), Xangri-Lá (32%) e Tramandaí (31%). Com um salto de 25,87%, a expansão foi muito maior que a do Rio Grande do Sul (1,77%).

O mesmo Censo aponta que seis das 10 cidades à beira-mar no Brasil com maior proporção de domicílios de uso ocasional estão na costa gaúcha. Isso, somado à flexibilização das jornadas de trabalho pós-pandemia e a proximidade geográfica da Região Metropolitana, favorece um vaivém via Freeway, aquecendo comércio e serviços de praias para além do veraneio.

Conforme Paiva, entre 2010 e 2022, o número de domicílios no Corede Litoral passou de 296.083 para 372.693, uma alta de 76.610 pessoas – no mesmo período, Porto Alegre perdeu 76.781 domicílios. A variação

da população nas praias respondeu por 40,53% do incremento populacional do Rio Grande do Sul. “Há décadas que o Litoral cresce de forma extraordinária e é um ponto fora da curva no nosso Estado”, afirma o economista, acrescentando que nunca o volume foi tão grande quanto agora.

A enchente de 2024 revelou outro diferencial competitivo quando se compara com os Vales e a Região Metropolitana, observa Roberto Morais, professor na Faccat e doutor em Desenvolvimento Regional, atraindo quem busca mitigar riscos ambientais. Embora sem apurar o destino, o IBGE divulgou em junho que o desastre climático motivou a troca de endereço de 349.366 pessoas. Morais acrescenta que há projeções do Departamento de Economia e Estatística do Estado (DEE-RS) indicando que a região poderá ter o maior crescimento percentual de participação no PIB gaúcho até 2030, impulsionado pelo setor de serviços e pela construção civil.

A alta demográfica da região é anterior aos censos mais recentes, como lembra Alexandre Ramos, mestre em Desenvolvimento Regional. De 2000 a 2010, o percentual foi de 21,64% enquanto que, no Estado, foi de 4,97%. “Acredito que isso seguirá ocorrendo, mas infelizmente é um aumento desordenado”, afirma Ramos. Segundo ele, dois perfis de migrantes se destacam: o trabalhador da construção civil, de baixa renda em busca de oportunidades, e pessoas de maior renda atrás de qualidade de vida. “Existe uma disparidade social imensa entre estes dois grupos”, alerta.

Leia mais nas próximas páginas >>



@VEMPRAITORRES/DIVULGAÇÃO:JC